

## A MENSAGEM FILOSÓFICA DA MENSAGEM

LUÍS FILIPE BARATA MONTEIRO \*

### INTRODUÇÃO

Afirmar-se que Fernando Pessoa é um grande poeta ou uma estrela de primeira grandeza, no firmamento da poesia portuguesa, não é novidade para ninguém.

Rigorosamente, a frase anterior é discutível, porque se apresentava vagamente definida quanto à primeira parte e voluntariamente indefinida, quanto à segunda. Mas isto é Fernando Pessoa que, ao definir e caracterizar o poeta, se define e caracteriza a si próprio, escrevendo:

*"O poeta é um fingidor,  
Finge tão completamente,  
Que finge, até, que é dor,  
A dor que, de veras, sente."*

Por outro lado, sabe-se que a estrela é um presente aparente, expresso por um ponto luminoso e cintilante. A realidade, porém, é outra. O que vemos, de fato, é um passado-presente, no reflexo efêmero dessa luz que nos transporta para um presente-futuro, buscando aí a fonte dessa mesma luz que, talvez!, já pertença ao passado. Quem sabe se, ao chegarmos lá, a estrela já não está, porque seguiu o seu destino?!

É assim que entendo Fernando Pessoa.

É a MENSAGEM?

Entendo que este seu livro, tal como qualquer outro do



mesmo autor, deve ser analisado através de Fernando Pessoa e não independentemente dele. Tal postura me coloca em face duma polêmica tradicional, expressa pelo binômio autor-obra. A minha posição nesta matéria é a de que, em Fernando Pessoa, não pode nem deve existir separação entre o autor e a sua obra. Daí o uso de certos dados biográficos e psicológicos, capazes de mostrar quem é Fernando Pessoa e qual é a sua mensagem filosófica.

As páginas subseqüentes justificarão a escolha do método adotado.

#### O PÓRTICO DA MENSAGEM

*"A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.*

*O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se apóia o rosto.*

*Fita, com olhar esfíngico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado.  
O rosto com que fita é Portugal."*

(O dos Castelos, p. 21)

Assim abre a MENSAGEM e assim abre, também, a comunicação que tenho a honra de apresentar neste Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, realizado na VANDERBILT UNIVERSITY — NASHVILLE, TENNESSEE — USA.

A poesia transcrita é uma esfinge colossal, magistralmente construída por Fernando Pessoa e por ele colocada majestosamente na portada desta sua obra. Tal como a esfinge de Gizé, também esta foi esculpida com todo o esmero e cuidado, não esquecendo os mínimos detalhes e como a sua homônima, também esta "fita, com olhar esfíngico e fatal, o futuro do passado".



Ambas guardam o seu próprio segredo e os segredos doutras eras. Construídas no tempo, ambas têm uma imanência extratemporal e o seu espaço só não é infinito porque é espaço, isso fica por conta do enigmático que ambas ostentam e do incógnito que as duas ciosamente conservam.

Querendo ou não, qualquer das esfinges permanecerá, lançando à inteligência e raciocínio dos homens o eterno desafio da sua compreensão. Querendo ou não, ninguém penetrará na MENSAGEM sem passar pela entrada. Tal como no Génesis, onde um anjo, com espada de fogo, guarda a porta do Paraíso, também aqui a esfinge de Fernando Pessoa guarda o seu poema.

Terminam aqui as analogias entre as duas esfinges e começam as diferenças.

Detendo-nos, apenas, na diferença maior, verifica-se que a esfinge de Gizé, no vale dos Reis, é, simplesmente, a esfinge de Gizé, muda, estática, impessoal. Guarda o que guarda, por acaso, e guarda-se a si própria por uma rotina de guardar. No fundo, ela nada mais é do que uma incógnita, não só para a posteridade, mas também para si mesma. Por isso, ela não é ninguém.

Em contrapartida, a esfinge construída por Fernando Pessoa retrata duas personagens: a da esfinge (personagem mítica) e a sua própria (personagem não mítica).

Qualquer desenho, caricatura ou retrato de Fernando Pessoa o identifica com a esfinge da Mensagem. Uma espécie de metempsicose muito *sui generis* o transmuda e, por metástase, a esfinge canta pelo poeta o que o poeta não pode deixar de cantar.

Isto faz parte da personalidade de Fernando Pessoa que, quanto mais se dobra sobre si mesmo, mais se desdobra, na busca de novas existências de si, sem nunca se encontrar. De fato, a definição do poeta não está no desdobramento, mas sim no encontro de si próprio consigo mesmo. Isso jamais ocorrerá em Fernando Pessoa, porque ele, como tantos outros desenraizados, é um desenraizado.

Considerava-se um estranho em Portugal e um estrangeiro, como de fato era, na África do Sul. Não tinha lugar, segundo ele, em parte alguma. O mundo real que supunha ver não era a realidade do mundo, nem o real do mundo. Era uma visão fantasmagórica. Isso fez com que Fernando Pessoa se refugiasse nos mitos do mundo ou nos mitos de outros mundos e, de desdobramento em desdobramento, conseguiu distanciar-se de tudo, de todos e até de si próprio. Por isso, seja qual for a época em que se analise, Fernando Pessoa aparecerá sempre como um desajustado e um deslocado.



## A MENSAGEM FILOSÓFICA

Fernando Pessoa não tem o estofo de um verdadeiro filósofo. Neste particular, a sua mensagem é constituída por fragmentos, que não passam de erupções violentas e contraditórias. Esses lampejos são relâmpagos de um espírito inquieto e atormentado, à busca não se sabe de quem ou de quê, existente não se sabe onde. Aquilo que ele, na realidade, busca, não quer encontrar, embora esteja bem perto dele. É ele próprio. Por isso, o prof. Prado Coelho escreve: "... os estados poéticos de consciência são autocontraditórios e instáveis, implicando por isso a consciência de não ser *absolutamente* consciente: a consciência de se ser sempre, de algum modo, inconsciente. A dialética da consciência-inconsciência percorre toda a poesia de Pessoa."

O Dr. José Saraiva fala-nos com muita objetividade sobre o desnorreamento dos escritores do início deste século ao se defrontarem com variantes "do neo-romantismo Historicista, etnografista, sentimental e oratório à mistura com afluência de naturalismo francês ou russo, de simbolismo, de esteticismo". Como se isto não bastasse, surgem, como ingredientes, o positivismo e o amoralismo nietzschiano.

Daí resulta uma desacomodação característica dos escritores desta época, um desajustamento mais ou menos acentuado conforme as singularidades de cada um e uma natural dificuldade em definir atitudes e posições entre as correntes mencionadas.

No aspecto filosófico, o Dr. José Saraiva refere-se a "... duas e opostas inspirações filosóficas: o positivismo e um certo transcendentalismo (ou panteísmo?) ostensivamente heterodoxo, cuja principal cristalização se encontra em Sampaio Bruno e que, aparentemente, se estende a Junqueiro, Pascoais, Raúl Brandão, Leonardo Coimbra e Fernando Pessoa".

No meu entender, o positivismo está fora do esquema da mensagem filosófica de Fernando Pessoa. Apesar da instrução recebida na High School de Durban e na Universidade do Cabo, onde, segundo ele, "recebeu uma cultura que o libertou para dentro", o poeta sabe e nós também sabemos que ele não conseguiu a liberdade interior e muito menos a liberdade exterior. Introverso, pouco expansivo, esfíngico, enigmático, tal como a esfinge que abre o poema e que é, de certa forma, o seu auto-retrato, a sua vocação é para viver segregado, lendo e meditando. Fernando Pessoa é uma insatisfação, uma dúvida e uma inquietação permanentes. A sua passagem pela realidade nada tem a ver com o real.



Em contrapartida, o panteísmo é um dos condimentos de que se serve qualquer epopéia e de que se serve também Fernando Pessoa, para escrever a sua. Afinal, a MENSAGEM — único livro de versos portugueses que publicou em vida — “constituiu, segundo David Mourão Ferreira, uma das raras possibilidades de sobrevivência da epopéia em verso”.

Em Fernando Pessoa, o panteísmo é transcendentalista. Isto significa que o poeta caminha através do panteísmo como um peregrino pelo vale das sombras. Não se detém. Segue em frente, para além, na busca de algo que ele não sabe ou “finge” não saber concretamente o que é, nem sabe ou “finge” não saber concretamente onde está.

Essa transcendentalidade, panteísta por acidente, por circunstância ou por exigência estilística, é a grande base da mensagem filosófica.

Essa base é subtilmente construída, usando um recurso bem simples. Nas 44 poesias de que se compõe a MENSAGEM, a palavra ‘DEUS’ aparece vinte e oito vezes, sempre com maiúscula e, apenas, duas vezes no plural. Por todo o poema encontram-se ainda certas palavras como Natureza, Mar, Universo, Além, Mistério, Sonho, Acaso, Sorte, Destino, Vontade e outras, sempre com maiúscula, também, como se pretendesse transformá-las em personagens míticas.

Reordenando todos esses elementos dentro do relacionamento existente entre eles, verifica-se que a transcendentalidade panteísta da mensagem de Fernando Pessoa é a base dessa mesma mensagem, conforme se demonstra no esquema apresentado, a seguir.

Eis a sua leitura:

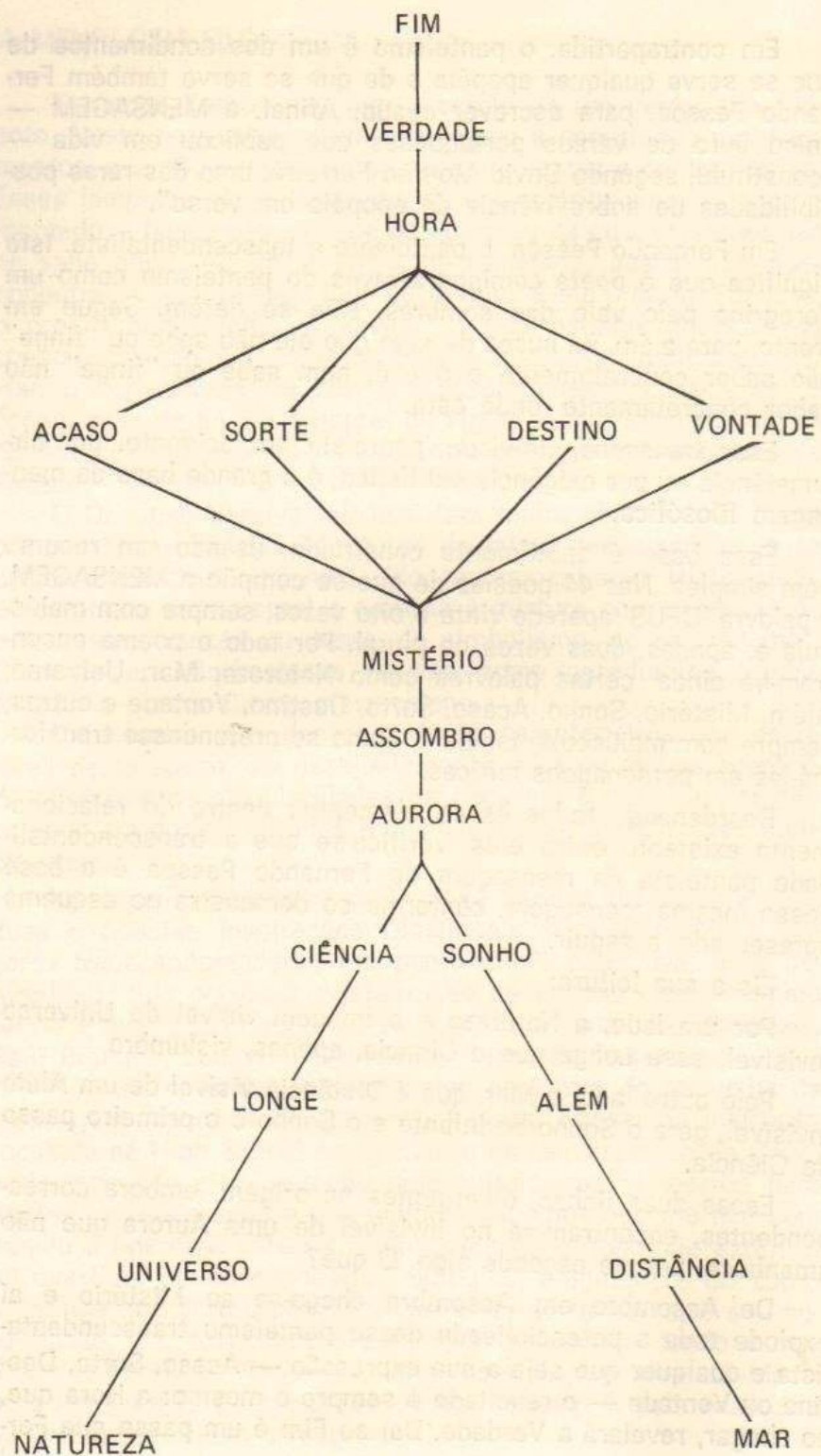
Por um lado, a Natureza é a imagem visível do Universo invisível, esse Longe que a Ciência, apenas, vislumbra.

Pelo outro lado, o Mar, que é Distância visível de um Além invisível, gera o Sonho do Infante e o Sonho é o primeiro passo da Ciência.

Essas duas linhas, divergentes na origem, embora correspondentes, encontram-se no invisível de uma Aurora que não amanhece, porque esconde algo. O quê?

De Assombro em Assombro chega-se ao Mistério e aí explode toda a potencialidade desse panteísmo transcendentalista e qualquer que seja a sua expressão — Acaso, Sorte, Destino ou Vontade — o resultado é sempre o mesmo: a Hora que, ao chegar, revelará a Verdade. Daí ao Fim é um passo que Fer-





nando Pessoa nunca dará. Por isso, o seu misticismo idealista perde-se em nuvens, onde a dúvida, em face da presença, gera a Dúvida da Presença. Essa é a angústia da MENSAGEM e é, também, a angústia do poeta.

Como se vê, qualquer que seja a linha percorrida, cai-se necessariamente no misticismo idealista. É aqui que se inicia o conteúdo da mensagem filosófica da MENSAGEM e é aqui, também, que se inicia o reprocessamento de todo esse conteúdo. De fato, o idealismo de Fernando Pessoa é mais cartesiano do que berkeliano e radicalmente diferente do idealismo de Hegel. Identifica-se com o super-sebastianismo e com o super-saudosismo, o que lhe dá um tom bem lusíada. As referências surgem de uma forma indireta e habilmente disfarçada, como nestes versos:

*"... a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre."*

(Ulisses, p. 25)

Ou ainda:

*"... esta febre de Além, que me consome  
E este querer grandeza são seu nome  
Dentro em mim a vibrar."*

(D. Fernando, p. 38)

E num crescendo de fúria poética, fascinado pelo encanto de pensamentos tão belos e sublimes, Fernando Pessoa exclama:

*"Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma."*

(Idem, p. 39)

Ou ainda:

*"... o mar com fim será grego ou romano:  
O mar sem fim é português."*

(Padrão, p. 60)



Mas não é tudo. Quando se lê:

*"Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!"*

(Mar Português, p. 70)

sente-se a presença de Fernando Pessoa, chorando também, por essa "última nau" que leva "a bordo El-Rei D. Sebastião". E da mesma forma que os portugueses de antanho, perscutavam os nevoeiros cerrados do Tejo na esperança de ver surgir o Desejado, também o poeta assume igual postura esfíngica, ao escrever:

*"Vejo entre a cerração teu vulto baço  
Que torna.  
Não sei a hora, mas sei que há a hora."*

(A Última Nau, p. 71)

Ou ainda:

*"Que voz vem no som das ondas  
Que não é a voz do mar?"*

(As ilhas afortunadas, p. 85)

Se até aqui, o super-saudosismo tinha o seu próprio caminho e o super-sebastianismo o seu, agora os dois se fundem e confundem, adquirindo um tom e forma que vai do dramático ao patético. Tudo começa com:

*"Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
.....  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade."*

(Prece, p. 73)

Continua:

*"Sperai! Cai ño areal e na hora adversa."*

(D. Sebastião, p. 81)

Prossegue:

*"Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?"*

(O Quinto Império, p. 83)



E o poeta, como um alucinado da saudade e da esperança, derrama os últimos versos dessa ilusão:

*"Ergue-te do fundo de não-seres  
Para teu novo fado!  
Vem, Galaaaz com pátria."*

(O Desejado, p. 84)

E já no desespero, exclama:

*"Quando virás, ó Encoberto,  
Sonho das eras português,  
Tomar-me mais que o sopro incerto  
De um grande anseio que Deus fez?"*

*Ah, quando quiserás, voltando,  
Fazer minha esperança amor?  
Da névoa e da saudade quando?  
Quando, meu Sonho e meu Senhor?"*

(P. 94)

E agora o que resta de tudo isto?

Não resistindo às contradições e conflitos que se lhe apresentam, o idealismo de Fernando Pessoa vai-se desgastando cada vez mais numa dúvida cada vez maior. O misticismo esmorece, definha, morre. E quando ele escreve:

*"Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer —  
Brilho sem luz e sem arder,  
Como o que o fogo-fátuo encerra.*

*Ninguém sabe que coisa quer,  
Ninguém conhece que alma tem,  
Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Quê ânsia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro.  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...*

*É a hora!"*

(Nevoeiro, p. 104)



não há dúvida de que 'a hora' significa o fim do misticismo idealista que o arrastou por todas as páginas do poema. Mas não é o fim da mensagem filosófica, pois essa mal começou.

Da exaltação do sonho, Fernando Pessoa cai na realidade desse mesmo sonho e descobre aí o impossível de sonhar. O resultado é inevitável: o pessimismo.

Nota-se aqui a influência depressiva de Baudelaire e não custa descobrir o sulco de Schopenhauer e de Nietzsche. As alusões são freqüentes e duras. Eis algumas:

*"Compra-se a glória com desgraça."*

(O das Quinas, p. 22)

*"O mais é carne, cujo pó  
a terra espreita."*

(D. João o Primeiro, p. 32)

*"Não me podia a Sorte dar guarida  
Por não ser eu dos seus."*

(D. Pedro, p. 40)

*"Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a sorte a não dá.  
Não coube em mim minha certeza."*

(D. Sebastião, p. 42)

*"Outros haverão de ter  
O que houvermos de perder."*

(Os Colombos, p. 65)

*"Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar."*

(O Quinto Império, p. 82)

*"Que jaz no abismo sob o mar que se ergue?  
Nós, Portugal, o poder ser."*

(Tormenta, p. 100)

E o Dr. José Saraiva comenta:

*"Pessoa surge-nos desiludido, derrotado, sem ânimo para perseguir uma Verdade que lhe parece inacessível. No âmago da sua atitude há um pirronismo que não atribui maior certeza a uma doutrina que à doutrina oposta."*

Rev. de Letras, Fortaleza, 4/5 (2/1): Pág. 19-30, jul./dez. 1981  
jan./jun. 1982



Não me parece que o pessimismo, que a sua mensagem filosófica nos transmite, se oriente na direção do pirronismo. Na MENSAGEM não há lugar para o cepticismo radical. É preciso não esquecer que a personalidade de Fernando Pessoa não é estável, desdobra-se indefinidamente e é preciso não esquecer, também, que nós, apenas, conhecemos alguns desses desdobramentos. Por outro lado, a projeção com base nesses antecedentes jamais nos levará a qualquer tipo de radicalismo, que é, por natureza, estável. O poeta não permanece no pessimismo. Cai nele por questão de lógica das conseqüências, mas não se detém. O seu 'EU' não agüentaria. A própria mensagem filosófica nos prova isto. Quem escreve:

*"Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro."*

(Nevoeiro, p. 104)

é o mesmo poeta que escreve, também:

*"É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
A Deus as mãos alçamos."*

(Noite, p. 99)

Esta postura leva-nos numa direção oposta a qualquer radicalismo. O que a mensagem filosófica de Fernando Pessoa nos transmite, é um cepticismo que se identifica, em parte, com o fideísmo e, em parte, com o relativismo. No fundo, isto não passa de um processo inverso à concepção idealista hegeliana, em que a realização da idéia se inicia pela antítese e chega à tese através da antonímia. O resultado é surpreendente: a síntese explode com toda a beleza, grandeza e majestade. Observem-se os exemplos seguintes:

*"Os Deuses vendem quando dão,  
Compra-se a glória com desgraça.  
Ai dos felizes, porque são  
Só o que passa!"*

*Baste a quem baste o que lhe basta  
O bastante de lhe bastar!  
A vida é breve, a alma é vasta.*

*Ter é tardar."*

(O das Quinas, p. 22)



Aqui, é o relativismo que está em evidência. Nesta outra é o fideísmo:

*"Todo começo é involuntário.  
Deus é o agente,  
O herói a si assiste, vário  
E inconsciente."*

(O Conde D. Henrique, p. 27)

## O FIM

Chegou-se ao fim, não ao fim do FIM. Uma epopéia jamais perece. Do mesmo modo que os Lusíadas são a épica da Épica histórica portuguesa, a Mensagem é a épica da Mística histórica de Portugal e a sua mensagem viverá para sempre. É imortal.

Agora, só resta a síntese de tudo o que se escreveu e a síntese é, nada mais nada menos, do que a própria alma dessa mensagem filosófica.

E qual é ela?

Responde Fernando Pessoa:

*"Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal  
A mão que ergueu o facho que luziu,  
Foi Deus a alma e o corpo Portugal  
Da mão que o conduziu."*

(Ocidente, p. 66)

'O facho que luziu' é a mensagem e essa alma que se manifesta em luz e pela luz é a alma de Portugal, alma mística, alma idealista, alma cheia de nobreza, coragem, tenacidade e fé.

Essa é, também, a alma da mensagem filosófica de Fernando Pessoa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa, Ática, 1967.
- 2 — COELHO, Jacinto de Prado. **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**. Lisboa, Verbo, 1963.
- 3 — SARAIVA, António José. **História da Literatura Portuguesa**. Porto, Porto Editora, 1967.

Rev. de Letras, Fortaleza, 4/5 (2/1): Pág. 19-30, jul./dez. 1981  
jan./jun. 1982